

# Interesses Vitais versus Restrições Orçamentárias: Planejando a Estrutura da Força do Futuro

Major Adrian Erckenbrack

Traduzido da revista *Special Warfare*—Spring 1998

Através do ambiente estratégico, nações e territórios esforçam-se para determinar suas relações políticas, culturais e militares. Conflitos reais e potenciais entre estados competidores continuam mantendo a necessidade de emprego das Forças Armadas dos EUA por todo o mundo, intervindo onde os interesses do País precisam ser protegidos.

As decisões futuras de onde e quando intervir serão mais exarcebadas devido à evolução contínua da paisagem estratégica, com estados poderosos entrando em decadência e outros ascendendo à níveis mais elevados de poder e influência. Na avaliação dos diversos tipos de ameaças mundialmente surgidas, os EUA terão que determinar quais serão seus interesses vitais a serem protegidos e decidir qual a estrutura da força que proporcionaria o melhor apoio à sua política. A Revisão Quadrienal de Defesa — RQD (*Quadritional Defense Review — QDR*) deverá servir como base para a formação das forças militares futuras dos EUA, levando-se em consideração as ameaças e as restrições orçamentárias. Na verdade, com o término da Guerra Fria e com o desaparecimento, a curto prazo, de qualquer ameaça militar similar, o processo de definir as necessidades futuras de defesa tornou-se problemático.

O bom senso sugere que sem uma ameaça militar palpável, a pressão para acumular dividendos com a paz e equilibrar o orçamento gerará preferência política sobre a manutenção da estrutura atual de nossas forças militares. A administração pretende alcançar aqueles objetivos através da RQD, que servirá como o mecanismo para reduzir o efetivo ativo do Exército em aproximadamente 15 mil homens.<sup>1</sup> O resultado será um efetivo ativo menor, engajado por todo o planeta, cumprindo uma quantidade igual ou maior de missões, procurando manter o nível de desempenho esperado pela nação.

Com os compromissos diversos que o Exército enfrenta e as reduções apresentadas pela RQD, é essencial que sejam feitas quatro coisas: explorar a natureza do ambiente estratégico futuro; discutir uma estrutura para aten-

der aos interesses nacionais; avaliar criteriosamente a confiança na tecnologia como meio de compensação para qualquer corte na estrutura da força associada à RQD; e aumentar a dependência em pessoal melhor qualificado para enfrentar o futuro incerto.

## O Ambiente Futuro

O historiador grego Tucídides teorizou dizendo que os povos vão para a guerra sem temor, interesse e auto-estima.<sup>2</sup> Hoje, essas razões poderiam incluir o medo das conseqüências de perder a influência econômica regional ou global, o interesse em uma ideologia ou em um território que proporcione uma vantagem estratégica ou operacional, e a distinção proporcionada por ser um líder regional ou global.

O término da Guerra Fria entre a Rússia e os EUA assinalou o final de um conflito, mas talvez tenha promovido o início de um outro. A lealdade ideológica ao comunismo ou à democracia foi substituída pela lealdade étnica, criando conflitos como aqueles observados na Bósnia e na República do Congo.<sup>3</sup> Provavelmente, o futuro estará sujeito a uma maior quantidade desses tipos de conflitos, que poderão ser exarcebados pelos movimentos de massas humanas provenientes de estados economicamente depressivos para outros menos depressivos, ou por condições ambientais causadas pela exaustão de recursos naturais, pela proliferação de armas de destruição em massa, pela transferência de tecnologia de armamentos, pelo terrorismo ressurgente, e pelo crime organizado. Todos esses fatores irão incrementar as tensões sociais, políticas e militares, criando um palco para o radicalismo político ou social, que poderá requerer uma intervenção norte-americana.

Com o aumento esperado no número de conflitos originados por hostilidades étnicas e históricas, os EUA encontram-se diante de uma grande quantidade de decisões a serem tomadas: como obter o equilíbrio no trato das questões políticas domésticas e internacionais; como manter a posição de liderança sem se envolver em todas as crises mundiais porventura surgidas; e como melhor aplicar os

---

***Com o aumento esperado no número de conflitos originados por hostilidades étnicas e históricas, os EUA encontram-se diante de uma grande quantidade de decisões a serem tomadas: como obter o equilíbrio no trato das questões políticas domésticas e internacionais; como manter a posição de liderança sem se envolver em todas as crises mundiais porventura surgidas; e como melhor aplicar os recursos disponíveis quando a intervenção for necessária.***

---

recursos disponíveis quando a intervenção for necessária. Uma coisa, entretanto, é certa: existe uma necessidade dos EUA se manterem engajados militar, econômica e politicamente de forma a poder reduzir os conflitos surgidos pelo mundo, quando outros estados se expandem ou contraem maior poder e a influência. Os EUA devem determinar primeiro quais são os seus interesses vitais, para poderem proporcionar uma liderança mundial eficaz e para manterem um status de superpotência.

## **Os Interesses Vitais dos EUA**

A estratégia de segurança nacional de engajamento e expansão prioriza o engajamento e o fortalecimento da comunidade de nações democratas de mercado livre.<sup>4</sup> A estratégia invoca a flexibilidade e engajamento seletivo envolvendo um amplo espectro de atividades e capacidades a fim de auxiliar no melhoramento do ambiente internacional.<sup>5</sup> À medida que o ambiente global pós-Guerra Fria se torna mais complexo e imprevisível, a quantidade de operações militares necessárias para apoiar a estratégia de segurança nacional tende a crescer.

Entre as missões em potencial associadas a uma estratégia de engajamento seletivo e flexível estão incluídas a presença externa, a assistência humanitária, o controle de armas e o contraterrorismo.<sup>6</sup> Porém, à medida que as missões têm aumentado, o efetivo e os recursos orçamentários militares têm diminuído. As FA dos EUA podem esperar uma demanda expandida sobre os seus recursos; portanto, deve ser feita uma reavaliação na constituição dos interesses vitais dos EUA, não somente para garantir a existência de meios adequados disponíveis para atender aos requisitos da política, como também para garantir o aprestamento militar.

Donald E. Nuenchterlein defende uma estrutura que defina os interesses nacionais. Segundo Nuenchterlein, quatro interesses nacionais permanentes condicionam a maneira pela qual os legisladores americanos visualizam a arena internacional: a

defesa da pátria, a elevação do bem-estar econômico da nação, a criação de uma ordem mundial favorável, e a promoção dos valores democráticos. Nuenchterlein desenvolveu quatro categorias para indicar a intensidade do interesse: de sobrevivência, vital, maior e periférico.<sup>7</sup> Embora essa estrutura possa não ser totalmente abrangente, serve como um ponto de partida à medida que tentamos definir situações que poderão requerer intervenção militar.

Poucos discordariam que a defesa da pátria é de interesse vital para os EUA e, essencialmente, uma questão de soberania. Entretanto, à medida que nos afastamos do sentido absoluto de defesa da pátria, torna-se mais complexo e difícil determinar os interesses dos EUA e as necessidades de desdobramento das Forças Armadas.

As questões envolvendo a promoção de valores são mais difíceis de serem enquadradas na escala dos interesses vitais dos EUA. Quando a televisão provoca a emoção no público através de imagens de sofrimento humano, que frequentemente se seguem às crises ou conflitos, a definição dos “interesses vitais” pode se tornar obscura. Os interesses vitais dos EUA devem ser determinados racionalmente, mesmo quando as emoções humanas clamam por ação. Seria benéfica uma estrutura que fornecesse mecanismos para o debate nacional e que auxiliasse a focalização de nossa energia durante uma crise.

Um dos critérios de avaliação dos interesses vitais poderia ser a definição se valeriam a pena a provação e o risco de vida por que passariam os integrantes das Forças Armadas dos EUA. Este critério tende a ser menos convincente para os nossos congressistas: somente 34% dos 103 membros do Congresso serviram na ativa.<sup>8</sup> Com o tempo esta porcentagem tenderá a diminuir, e, conseqüentemente, os congressistas do futuro terão tido pouca experiência pessoal com as provações e os sacrifícios associados aos desdobramentos perigosos. Com base neste fato, será extremamente importante criar uma estrutura que proporcione melhores condições aos congressistas e aos oficiais dos mais altos postos para a determinação das questões de maior interesse nacional.

Não é a intenção do autor sugerir que seja estabelecida uma estrutura para ser usada como base para o desengajamento dos EUA do cenário mundial ou para o refreamento do emprego das FA até que a crise se manifeste. Ao contrário, a estrutura seria usada como um meio de definir interesses nacionais; como um foro que permitisse aos líderes políticos e militares conciliarem os objetivos políticos com os meios militares disponíveis para alcançá-los; e como uma ferramenta para manter um grau de continuidade em nossa política externa, apesar das mudanças de poder. Será de extrema importância saber o que constitui um interesse nacional vital para os EUA, durante a implementação da RQD e as tentativas de redução das FA ou de aumento de suas missões.



Uma viatura M-998 desloca-se por uma estrada do deserto do Kuwait, durante a Operação *Desert Storm*. Ao fundo podem ser vistos poços de petróleo ardendo em chamas, por ação de forças iraquianas em retirada.

Foto: Departamento da Defesa/CWO2 USNR Ed Bailey

### A Panacéia da Tecnologia

A RQD é um estudo supervisionado pelo Congresso, que avalia o tamanho, a estrutura, o aprestamento, a modernização e a infra-estrutura da força, dentro do quadro de recursos orçamentários. Sob a determinação do Congresso constante do Ato de Sanção de Defesa de 1997 (1997 *Defense Authorization Act*), o Departamento de Defesa reexaminou as ameaças atuais e potenciais contra a segurança nacional e estabeleceu um plano de defesa capaz de responder às mesmas, dentro de limites toleráveis de riscos.<sup>9</sup>

Em uma época de restrições orçamentárias, a falta de uma ameaça militar concreta gera dificuldades para manter a estrutura da força. A estruturação das FA dos EUA para atender cenários de ameaças menores aumentam o nível de risco que os EUA irão enfrentar no futuro, especialmente se forem convocados para responderem, simultaneamente, a dois conflitos regionais de grandes proporções — o Oriente Médio, a Coreia e a Bósnia são lembrados como possíveis cenários. Considerando tal risco, os planejadores devem buscar meios que compensem a carência de pessoal.

Durante a Guerra do Golfo, os EUA foram inundados com imagens televisadas de munições de precisão teleguiadas e de reportagens sobre sistemas de reconhecimento capazes de visualizar qualquer ponto do campo de batalha. Alguns teóricos sugerem que a Guerra do Golfo demonstrou

que a tecnologia avançada poderá compensar perdas na estrutura da força. Eles acreditam que a tecnologia avançada irá servir como uma panacéia no século XXI.

Ao revisarem suas opções para a estruturação da força, as autoridades de defesa devem levar em conta as seguintes questões: com base na ameaça, quanto da estrutura da força poderá ser sacrificado?; que riscos poderão ser corridos, contando-se com a tecnologia para superar carências de pessoal, à medida que se adentra no século XXI?

A Revisão Estratégica Conjunta - REC (*Joint Strategy Review — JSR*) supõe que os EUA não precisarão se preocupar com uma ameaça militar de vulto no futuro próximo. A REC tem previsto que inimigos em potencial não podem alimentar a esperança de desafiar as forças dos EUA em um engajamento frente a frente. Portanto, os inimigos deverão optar por atacar as prováveis vulnerabilidades americanas, como por exemplo, a ampla infra-estrutura de informações, ou por se engajarem em atos terroristas e em desenvolvimento de armas químicas e biológicas, com sistemas de lançamento de longo alcance.<sup>10</sup> A REC prevê que a maioria dos combates serão travados em áreas urbanas onde as vantagens e a eficácia da tecnologia norte-americana serão reduzidas.<sup>11</sup>

A presunção parece ser a de que a tecnologia irá quase sempre funcionar como vantagem para os EUA. Entretanto, talvez seja mais certo dizer que a tecnologia só é vantajosa enquanto for empregada naquilo que é

---

***A pergunta fundamental para os planejadores da estrutura da força deverá ser: “Será que proporcionamos o suficiente para a proteção e segurança do povo e dos interesses dos EUA?” Em alguns casos, a resposta afirmativa para esta pergunta significará que estamos desejando sacrificar o status quo, que quebraremos velhos paradigmas e que tentaremos compatibilizar a política com a estrutura da força remanescente.***

---

indicada; enquanto utilizada em um ambiente condizente com o seu emprego; e, enquanto não for contrabalançada por ameaças assimétricas. A tecnologia deve ser considerada como uma faca de dois gumes: o aumento da dependência tecnológica pode gerar novas vulnerabilidades e os EUA devem estar conscientes dessas vulnerabilidades, caso essa dependência deva ser mantida.

Uma vulnerabilidade que poderia ser criada seria o estabelecimento de um processo de tomada de decisão elevado e centralizado ao ponto em que a linha divisória entre as decisões táticas e estratégicas se tornasse obscura. Caso os EUA obtenham um domínio quase total do campo de batalha informatizado do futuro, os militares podem ficar tentados a dirigir as operações a centenas ou a milhares de quilômetros de distância. Embora o controle à tamanha distância possa ser uma possibilidade, ele poderá dissimular, para os tomadores de decisões, os efeitos do ambiente do campo de batalha, do terreno, do moral dos soldados, e de outros fatores operacionais, que eles não experimentarão à longa distância.

Uma outra vulnerabilidade que poderia ser gerada pela tecnologia é a arrogância tecnológica: adotando-se a atitude de que enquanto mantivermos uma vantagem tecnológica sobre os nossos inimigos, não precisaremos manter capacidades simétricas. Tal arrogância seria muito perigosa, especialmente em um ambiente no qual um inimigo poderia obter ou produzir um número pequeno de armas nucleares capazes de nocautear muitos dos nossos sofisticados sistemas de armamentos e de vigilância. A perda dessa tecnologia poderia levar os EUA a se depararem com um inimigo de mesma capacidade — ou seja, sem vantagem alguma. Se o dano fosse muito severo, se o inimigo fosse bastante habilidoso e tivesse sorte, e se o tempo fosse curto o suficiente para evitar que os sistemas remanescentes fossem colocados em condições de atuar, o inimigo poderia prevalecer.

Uma vulnerabilidade final que poderia ser gerada pela alta confiabilidade na tecnologia, e a mais merecedora de atenção, é a proveniente de uma ameaça assimétrica. Uma ameaça assimétrica oferece a um adversário em potencial a capacidade de causar danos consideráveis e de negar a superioridade dos EUA em poder de combate. Conforme salientado pela REC, poucos adversários em potencial poderiam confrontar os EUA frente a frente. Entretanto, cenários de guerra de informação, por exemplo, poderiam capacitar adversários a enfrentarem os EUA sem um conflito direto; em tais cenários somente seria necessário um grupo de indivíduos operando poderosos computadores. Por serem os computadores os centros nervosos dos sistemas de informações e de comunicações no mundo, esses cenários poderiam trazer possibilidades catastróficas.

Dentre os alvos da guerra de informação que poderiam causar danos substanciais se incluem: os sistemas de comunicação eletrônica, que controlam todas as transações e verbas federais; os sistemas de comunicação eletrônica, que gerenciam a telefonia, os sistemas militares de comando e controle, a rede de controle de satélites da Força Aérea e o Centro de Interpretação Fotográfica Nacional.<sup>12</sup> O prejuízo que poderia advir no caso de uma violação significativa no sistema do Tesouro Federal ou do Departamento de Defesa é motivo para preocupação. Um artigo recente do Wall Street Journal revela que peritos em segurança tentaram “penetrar” em 12 mil sistemas de computadores do Departamento de Defesa ligados à Internet. Os resultados foram assustadores: os peritos penetraram em 88% dos sistemas, sendo que 4% dos ataques passaram despercebidos.<sup>13</sup> Em um outro incidente, um “hacker” argentino, de 22 anos de idade, conseguiu as senhas de acesso aos computadores da NASA, do Departamento de Defesa e de outras agências.<sup>14</sup>

À medida que as Forças Armadas cada vez mais se voltam para tecnologias disponíveis comercialmente, devido às restrições orçamentárias ou aos processos de aquisição fluentes, a vulnerabilidade quanto à violação de computadores deverá aumentar. Os sistemas militares são projetados para serem seguros e duráveis; entretanto, devido ao custo envolvido, os sistemas civis não o são.<sup>15</sup> Violações nos sistemas de computadores que controlam as redes elétricas ao longo das costas leste e oeste não só causariam uma confusão na infra-estrutura civil, como também afetariam significativamente a capacidade de resposta estratégica dos EUA.

Se um ataque assimétrico fosse executado sobre tecnologia civil ou militar ao mesmo tempo que a Bósnia, a Coreia ou o Oriente Médio estivessem a ponto de iniciarem um conflito armado, os EUA poderiam ter dificuldade para responder àqueles conflitos regionais de uma maneira eficaz e oportuna.

O dano que poderia advir de uma ação assimétrica con-



O Ten Cel Bill Kazdobe, um reservista, da 353ª Companhia de Assuntos Cívicos, do Bronx, Nova Iorque, mostra uma ração operacional aos estudantes de uma escola da Hungria, durante uma palestra sobre sobrevivência em campanha, realizada durante a Operação *Joint Endeavor*.

Foto: Departamento da Defesa/Sergeant Angel Clemens

tra os EUA produz uma pergunta interessante: Quais atos assimétricos constituem atos de guerra contra os EUA ou exigem uma resposta militar? Uma incapacitação de dispositivos que controlam as transações do Tesouro Federal ou as redes elétricas das costas leste e oeste, enquanto não produzisse destruição associada a um ato de guerra premeditado, poderia ter efeitos ainda mais devastadores. Esta questão é bastante complicada, porque uma ação assimétrica ou invalida possibilidades militares americanas, ou não proporciona um alvo rapidamente indetectável, contra o qual os EUA possam se voltar. Mesmo sendo os EUA capazes de identificar o agressor, ainda assim seria difícil definir uma resposta apropriada. Podem os EUA desdobrar forças militares contra uma organização terrorista? Podem ser impostas sanções econômicas contra tais grupos? Podem eles ser isolados politicamente? Embora várias ações sejam possíveis, nem todas são viáveis. A violação terrorista de sistemas de computadores comerciais ou de defesa poderia produzir danos imediatos de significativa monta, que poderiam perdurar por um longo tempo. É difícil imaginar como obter de uma organização terrorista uma indenização equivalente a tamanho dano.

Portanto, deve ser buscado um equilíbrio entre a necessidade de reduzir a estrutura da força, baseada na definição convencional de ameaça, e a necessidade de manter uma força capaz de responder a um espectro amplo de crises e exigências políticas num futuro incerto.

### Visão do Futuro

A pergunta fundamental para os planejadores da estrutura da força deverá ser: “Será que proporcionamos o suficiente para a proteção e segurança do povo e dos interesses dos EUA?” Em alguns casos, a resposta afirmativa para esta pergunta significará que estamos desejando sacrificar o status quo, que quebraremos velhos paradigmas e que tentaremos compatibilizar a política com a estrutura da força remanescente.

Fora outras necessidades, a estrutura da força de curto prazo deve ser baseada num ambiente estratégico caracterizado por operações de não guerra (*MOOTW*). Tal estrutura deve capacitar o desempenho de operações diversificadas, versáteis e complexas, apropriadas para esse tipo de ambiente. Essas operações deverão ser caracterizadas pelo emprego de forças de não aniquilamento, contando com tecnologias próprias; por um aumento na necessidade de atendimento da doutrina de operações conjuntas; por um aumento na demanda por forças de operações especiais; por um aumento na quantidade de forças de assuntos cívicos e de operações psicológicas; por uma redução na demanda por meios blindados; por um aumento na dependência de ações de inteligência para preparar o ambiente; e pela necessidade de os combatentes tomarem decisões rápidas, baseadas na situação vivenciada. Todas as forças devem ter estruturas de comando e controle flexíveis o suficiente para atuarem num espectro amplo de operações e



Forças Especiais do Exército dos EUA proporcionam segurança aos participantes de uma manifestação pública no Haiti, durante a Operação *Uphold Democracy*, em setembro de 1994.

Foto: Departamento da Defesa/A1C Sean M. Worrell, USAF

de complexidade, características do ambiente de operações de não guerra.

O ambiente de operações de não guerra talvez não exija o desdobramento de uma divisão de infantaria, mas por certo irá exigir o desdobramento de uma brigada de infantaria ou de uma companhia de Forças Especiais (F Esp). A unidade desdobrada poderá ser organizada taticamente com outras forças, tais como unidades de Operações Psicológicas (Op Psico), que constituem núcleos importantes para o cumprimento da missão. O tamanho e a estrutura da brigada de infantaria e da companhia de F Esp proporcionam grande flexibilidade para o oficial de planejamento da força, responsável pelo desenvolvimento das medidas mais apropriadas para as operações de baixa e de média intensidades, frequentemente encontradas em operações de não guerra. A brigada de infantaria e a companhia de F Esp proporcionam também o comando e controle e a base estrutural, à qual acrescentamos outros elementos, de acordo com a necessidade. A capacidade de comando e controle de uma organização formada com frações provenientes das várias forças armadas americanas, de organizações não governamentais, de organizações governamentais internacionais e de forças aliadas deve ser constante-

mente exercitada, nos níveis da força tarefa conjunta e do comandante-em-chefe, a fim de proporcionar preparo adequado para as operações de não guerra. O ponto culminante desse esforço talvez seja proporcionado pelos rodízios rotineiros no Centro Nacional de Adestramento (CNA).

A complexidade do ambiente de operações de não guerra futuro irá exigir soldados que se parecem com os das F Esp de hoje. Tendo em vista a inexistência de um adestrado contingente de F Esp suficiente para atender à todas as operações de não guerra e como isso não pode ser obtido “da noite para o dia”, deve ser estabelecida uma alternativa eficaz. Soldados que são altamente adestrados em suas habilidades militares individuais, que possuem um bom nível cultural e que são habilitados em pelo menos uma língua estrangeira devem representar a melhor alternativa. Esses soldados teriam que ser capazes de se integrarem rapidamente em uma operação. Para adestrá-los, seria necessário desenvolver um programa de instrução ou realizar rodízios, duas vezes ao ano, em centros de adestramento de combate, com a participação de organizações governamentais internacionais, organizações não governamentais e outras organizações que poderiam ser encontradas na área de operações onde

os soldados seriam desdobrados. Os objetivos do programa de adestramento dos soldados, realizado antes do desdobramento, devem ser focalizados nos aspectos lingüísticos, históricos, culturais e operacionais das áreas de operações onde atuarão. Isso tornaria os soldados mais capacitados para tomar decisões adequadas no terreno.

Além de estabelecer uma estrutura para a força de curto prazo, deve ser planejada também a sua transição para poder fazer face às ameaças militares em potencial de natureza similar, que possam surgir por volta de 2025. A espinha dorsal da estrutura da força para o ano 2025 deve ser a qualidade do pessoal. A vitória dos EUA no Golfo Pérsico não foi somente com base na tecnologia. Foi também baseada no efetivo profissional, altamente motivado e adestrado que operou esses sistemas de armas de alta tecnologia. Os bilhões de dólares investidos em tecnologia serão desperdiçados, se essa tecnologia não puder ser empregada adequadamente. Se isso acontecer é porque o esforço não foi suficiente e não foram investidos os recursos necessários para atrair e manter pessoal qualificado.

O maior desafio para os planejadores da estrutura da força está baseado no resultado final do processo da RQD: as decisões ali tomadas irão determinar a estrutura organizacional que deverá permanecer após essa revisão. As decisões seguintes deverão delinear os interesses vitais dos EUA, de forma que a força estruturada com limitações seja capaz de operar dentro de suas capacidades.

A determinação dos níveis de riscos que os EUA desejam assumir, baseados nas possibilidades que a tecnologia pode proporcionar, deverá ser avaliada prudentemente, de modo que uma falha catastrófica não seja criada pela dependência tecnológica. Dentre os fatores a serem observados nos próximos 20 a 25 anos, o que mais se destaca está relacionado às decisões que governarão a maneira de atrair, adestrar e manter pessoal qualificado. Essas decisões serão de importância crucial para determinar se os EUA serão ou não capazes de manter sua posição como uma superpotência global. As decisões devem ser tomadas corretamente para garantir que os EUA não venham a pagar um pesado preço, caso sejam lançados às provações das guerras no século XXI. **MR**

---

## REFERÊNCIAS

1. Notícias liberadas pelo Gabinete do Assistente do Secretário de Defesa para Assuntos Civis, maio de 1997.
2. Donald Kagen, *On the Origins of War and the Preservation of Peace* (Nova York: Doubleday, 1995), p. 8.
3. Howard French "In Brazzaville, a Triumphant Rebel Mocks His Ousted Enemy," *New York Times*, 17 de outubro de 1997.
4. Departamento de Defesa dos EUA, Junta de Chefes de Estado-Maior, *National Military Strategy of The United States of America* (Washington, D.C.: The Joint Chief of Staff, 1995), *Executive Summary*.
5. *Ibid.*
6. *Ibid.*
7. Donald M. Nuenchterlein, *America Recommitted: United States National Interests in a Reconstructed World* (Lexington, Ky.: University Press of Kentucky, 1991).
8. Associação dos Oficiais da Reserva, "Veterans in Congress — An Endangered Species?" *VFW Magazine*, novembro de 1994.
9. Rick Maze, "New Weapons May Cost Programs, Jobs," *Army Times*, 23 de dezembro de 1996.
10. Robert Holzer, "QDR's Hig'-Tech Focus Bothers Officials," *Army Times*, 7 de abril de 1997.
11. *Ibid.*
12. Arsenio T. Gumahad, "The Profession of Arms in the Information Age," *Joint Force Quarterly*, Spring 1997, p. 18.
13. Senador John Kyl, *The National Information Infrastructure Protection Act of 1995* (Washington, D.C., 1995).
14. Deborah Schreiber, "Computer Combat, Warfare in the Information Age," *Defense Media Review Online*, outubro de 1997.
15. Gumahad, p. 18.

---

*O Major Adrian Erckenbrack é comandante de companhia no 3º Batalhão de Força Especiais. Em funções anteriores, serviu como chefe do setor de Forças Especiais, da Diretoria de Administração de Pessoal (Praças), do Comando do Pessoal do Exército; como comandante de destacamento no 5º Batalhão de Forças Especiais; e como comandante de companhia (provincial) na 9ª Divisão Blindada Síria durante a Operação Desert Storm. É Bacharel em Ciências pela Eastern Washington University, Cheney, Washington. Em 1997, concluiu o curso de Mestrado em Estudos Estratégicos, pela Escola Superior de Guerra Naval. Durante o período em que cursou aquela Escola, serviu também como estagiário na Casa Branca. Em 1992, recebeu o prêmio MacArthur, do Comando de Operações Especiais dos EUA.*